

**“A Alma do Lázaro” de José de Alencar:
uma possibilidade de diálogo entre História das Doenças e Literatura.**

Zilda Maria Menezes Lima*

José Martiniano de Alencar dispensa maiores apresentações enquanto literato. Sua genialidade é reconhecida no conjunto da sua obra, que expressa um curioso cruzamento de variadas tendências. Dos romances indianistas aos romances históricos e/ou urbanos, Alencar tinha em mente um claro projeto: com sua ficção, desenhar a largos traços um projeto de identidade nacional ou de uma pátria brasileira. Em sua vasta produção podem ser observadas várias questões do seu tempo e o elo que as aproxima é sua noção particular - de homem do seu tempo e do seu lugar social - de pátria brasileira. Em meio à sua escrita profícua, destacam-se também, as crônicas romanceadas. Nesse ensaio pretende-se apresentar uma dessas crônicas, acredita-se, pouco conhecida do público em geral: a crônica romanceada intitulada *A Alma do Lázaro*. A partir da crônica mencionada, pretende-se apresentar uma possibilidade de diálogo entre o campo da História das Doenças e da Literatura, no sentido da percepção de José de Alencar da “literatura enquanto missão”. A missão de dar visibilidade a um dos maiores problemas de saúde pública que atravessaria as cinco primeiras décadas do século XX no Ceará e no Brasil.

Palavras-chave: História - Literatura - Doença – Lepra

The literary work of José Martiniano de Alencar needs no introduction. The body of his work illustrates the authors' genality, expressed through a myriad of literary paradigms, from indigenist to historical romances, which combined intricate parts of Alencar's broader intellectual project; his fictional accounts mirror an ongoing deeper reflection about the building of a Brazilian national identity. Through his work different aspects of national life are intertwined, representing the man of his time and social location within the Brazilian nation. Amidst the vast collection of his prolific writings are chronicle romances, and this article examines one such chronicle, believed to be widely unknown to the general public entitled *The Soul of the Lazarus*. Drawing on Alencar's as the backdrop, this article opens the possibility of a dialogue between researchers of the history of health and illness and literature. Within this discussion the authors chronicle represents “literature with a purpose”, that is, to expand national awareness to one of the most serious public health issues that covered over the first five decades of the 20th Century in Ceará and Brazil.

Key words: History – Literature – Illness – Leper.

* Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará, Doutora em História Social (UFRJ).

História das Doenças e Literatura

O campo da pesquisa que se convencionou chamar de História das Doenças tem apresentado, nos últimos anos, razoável expansão. Seu estudo engloba: as doenças crônicas, endêmicas e epidêmicas e as implicações sociais e políticas advindas das suas manifestações nos vários continentes, os entendimentos sobre a doença e seus cuidados em diferentes contextos sociais, o ponto de vista dos pacientes e os instrumentos de controle médico e social. Porém, a expansão pela qual passa a História das Doenças, deve-se ao alargamento das fronteiras da História, possibilitado pelo florescimento de áreas como a história demográfica, a antropologia social, a história da cultura material e mental e, porque não dizer, de um novo viés da história política (LIMA, 2007: 17-19). Com efeito, no Brasil, as pesquisas que envolvem as práticas médicas têm se destacado, por abordarem geralmente, duas óticas de investigação: a relação com a experiência da enfermidade e a mediação das relações familiares com o doente. Os estudos, voltados para uma história das doenças ou de uma doença particularmente, ainda são pouco visíveis na historiografia¹.

Certas enfermidades conseguiram gerar substantivos que identificavam o paciente com a doença tais como: epilético, sífilítico, tuberculoso, entre outros, contribuindo assim para a segregação daqueles que sofriam dessas doenças para o conjunto da sociedade. No caso do *leproso*, tal denominação remontava à moléstia bíblica descrita no Levítico e à conseqüente segregação que seus portadores sofreram (OBREGON, 2002: 25-28).

No que compete aos diálogos entre História e Literatura entende-se que já estão consolidados enquanto prática historiográfica. Deste modo, não cabe aqui citar os inúmeros trabalhos de qualidade produzidos neste campo. Porém, faz-se necessário informar, de que modo este ensaio propõe realizar tal diálogo. Deste modo, é preciso enfatizar que se entende a literatura enquanto uma produção social, inserida entre as atividades produzidas por homens e mulheres em sociedade. Não se trata de fazer uma “leitura realista” da literatura ou tomá-la como “espelho da realidade”, mas considerar as convenções que aproximam num mesmo universo texto e contexto. Neste sentido,

acredita-se que tomar a literatura como principal interlocutora de uma pesquisa histórica, pressupõe que ao historiador deve interessar todas as dimensões da experiência humana, inclusive a estética (LIMA, 2002: 38-40).

Entende-se que o divisor de águas entre a produção historiográfica e a produção literária não se resume à compreensão que a primeira tem compromisso com a veracidade e à segunda com a ficcionalidade, simplesmente. Advoga-se que o mérito do historiador e o que lhe confere identidade própria é a recorrência a instrumentos metodológicos satisfatórios – próprios do seu campo – bem como a um conjunto sólido de conceitos intrinsecamente ligados aos problemas que elabora. Esses recursos ganham sentido prático, se aplicados a séries documentais, inclusive as literárias. Em outra via, propõe-se que o historiador entenda a literatura como um convite para a reflexão sobre o passado (BERTOLLI, 2000: 97-99) já que a literatura, mais que a história, apresenta uma longa trajetória tematizada pelos grupos marginalizados e pela abordagem de múltiplas esferas do cotidiano, que somente em décadas recentes, passou a ser incorporada ao “território” do historiador. É nesta segunda vertente que este ensaio pretende prestar uma modesta contribuição.

A crônica romanceada *A Alma do Lázaro*

*A Alma do Lázaro*² é um texto que os especialistas classificam como novela ou crônica romanceada. Com uma trama simples, quase pueril, é portadora, porém, da faculdade de manter o leitor preso à singularidade da sua construção literária. Ambientada em Olinda, na segunda metade do século XVIII, é dividida em duas partes. Na primeira, o autor (e também narrador) explica ao leitor a sua busca pela inspiração para os escritos em questão, encontrando-a num diário abandonado nas ruínas de uma edificação da citada localidade. Na segunda parte da obra, Alencar dá voz, literalmente, ao autor do diário encontrado, reproduzindo através dos próprios escritos deste, a sua saga de dor, desprezo e humilhações por ter contraído o “hediondo mal de Lázaro”. Nesse sentido, é o próprio Alencar quem adverte:

São de outro tom os singelos contos que formam estes Alfarrábios... não convidam ao riso, que tão excelente especiaria é para um livro de entreter. Bem longe disso, talvez que espremam dos corações mais ternos e sentimentais uns fios de lagrimas. Caso assim aconteça, será com bem pesar meu, pois sinceramente acho de mau-gosto lembrar-se alguém de produzir choros d'artifício a guisa de jogos de vista, quando não faltam motivos reais de tristeza e aflição...(ALENCAR, 2011:19-20).

Com essa “introdução”, Alencar intenciona alertar ao leitor que vai tratar de um tema árido. Esclarece que seu objetivo não é provocar “choros d’artifício” sugerindo que o tema em questão é motivador de tristezas e aflições “reais”. A narrativa é feita na primeira pessoa, por um estudante da Academia de Olinda, Pernambuco, fascinado por Olinda e pelas batalhas e glórias dos antepassados daquela gente. Por sofrer de insônia e por acalentar um desejo secreto de ser escritor, vagueia pelas cercanias da Vila, numa muda contemplação dos velhos casarões à procura de inspiração para um conto, uma novela que fosse em “prosa estirada”.

A partir deste momento da narrativa, é impossível para o leitor desvincular o autor, o personagem narrador das desventuras do lázaro e o próprio lázaro, estratégia que Alencar utiliza em toda a crônica. O autor, ao trilhar tal caminho, cria para um leitor um sentimento de recepção em que os principais personagens e ele próprio (o autor) não se dicotomizam e não parece haver limites entre o que seria ficcional e o que seria supostamente real (fora da crônica, dito na introdução da obra).

Voltando à trama, nas suas andanças, encontra o narrador, as ruínas de antigo convento, nomeado por ele de Convento do Carmo. A solidão noturna levava-o a sondar os destroços de alvenaria da velha edificação e suas paredes fluas, procurando “uma memória, um nome, uma inscrição, uma frase” que lhe revelasse algum mistério, que lhe sugerisse “o epílogo de alguma lenda que a imaginação completaria”. Numa noite de tempestade, é forçado a abrigar-se no antigo convento e lá encontra um velho pescador. Este segundo personagem, Antônio (Tonico) vai possibilitar ao narrador, engendrar a sua trama.

Antônio ou Tonico vai contar ao estudante a história de um leproso que vivia numa casa abandonada, um pouco afastada das casas dos pescadores e

habitantes em geral, porém, relativamente próxima ao convento e que, naturalmente, sobrevivia da caridade e auxílio das religiosas que ali residiam. O fragmento abaixo retrata o início da conversa entre o estudante e o velho pescador. Ancorada na memória do segundo, é bastante emblemática da situação de um enfermo de lepra em meados do século XVIII:

- *Um pobre moço doente... veio morar naquela casa porque todos fugiam dele...*

- *Que doença?*

- *O moço era como o que foi ressuscitado pelo Cristo!*

- *Lázaro?*

- *Senhor, sim. Agora, quantos andam por aí como ele? Mas, naquele tempo não era assim. A gente pensava que aquilo era uma praga mandada por Deus pelos pecados dos homens...(ALENCAR, 2011: 25-26).*

A noção da “doença de Lázaro” como a expressão de pecado mortal ou faltas graves é observada desde a Antiguidade. No Ocidente ou Oriente antigos, o diagnóstico da doença era realizado por um sacerdote ou autoridade religiosa similar. Se fosse confirmada a doença, o enfermo estava “morto” para o mundo e como consequência deveria isolar-se de todos. Assim, uma série de interdições e prescrições impostas aos *leprosos* foi constante, nas mais variadas culturas e épocas.

Porém, de toda a narrativa que faz o velho pescador acerca da vida miserável e isolada que levava o pobre Lázaro de Olinda, um detalhe chama a atenção do nosso narrador: a existência de um diário escrito pelo enfermo nas suas imensas horas vazias. A existência desse diário leva o estudante a encontrar outras vezes o pescador para supostamente ouvir suas histórias, mas guardando o secreto desejo de descobrir onde estariam guardados os escritos do *leproso*. Finalmente, consegue que Tônico o leve até o local onde estava guardado o diário:

... cavamos três palmos; creio que se abrisse o túmulo de um ente que me fosse caro, não sentiria as emoções porque passei naquele momento. A chuva que caíra a cântaros amolecera o terreno e facilitara o trabalho. Depois de um quarto de hora de escavação, o pescador tirou do chão uma caixa de folha, que teria dois palmos de comprimento, sobre um e meio de largo, já inteiramente oxidada. E carregado com meu tesouro, recolhi-me.
(ALENCAR, 2011:30-32)

O narrador teria mantido “o tesouro” consigo durante vinte anos, até que decidiu publicá-lo. Assim, a narrativa do estudante em busca de uma inspiração para sua novela ocupa a primeira parte da obra e a segunda, resume-se a suposta narrativa do lázaro, na forma como o próprio a teria organizado. Assim, a segunda parte da novela “A Alma do Lázaro” é totalmente dedicada à narrativa do leproso segundo as suas próprias palavras.

Tal narrativa é dividida em dias (mais ou menos equivalentes há três meses haja vista que começa em 07 de março de 1752 e termina em nove de maio do mesmo ano). O primeiro texto assim inicia:

“... estou só no mundo. A quem direi a minha dor? Ao vento para levá-la à gente que me escarnece? Que profunda é a solidão desta casa... parece-me um túmulo! A noite desce como lousa fria e negra. Ah! Se com ele me trouxesse o repouso. Mas é só morte ao coração, a fé, a crença. A dor vive em meu cadáver. Depois que morri não me conhece... Sim! conhecem-me quando me fogem (ALENCAR, 2011: 35-36).

O fragmento de texto acima, atribuído ao leproso, sugere os sentimentos de solidão, dor e abandono a que todos os leprosos eram acometidos quando a doença se tornava visível. Porém, o modo como eram tratados os leprosos no século XVIII (ou XIX e até primeiras décadas do século XX) não devem ser dissociado do pavor que a doença disseminava por suas várias características: por ser uma enfermidade deformante, paralisante, cujos agentes etiológicos eram completamente desconhecidos, por acreditar-se que era contagiosa, incurável, e, portanto, letal. Assim, na ausência de

tratamento, medicação e cura, a sociedade se apavorava diante da possibilidade de contrair tal enfermidade:

A notícia da minha enfermidade divulgou-se de modo espantoso. Quando passava, apontavam-me de longe. Murmuravam meu nome. Realmente, o Lázaro não é mais um homem. Foi concebido pela mulher, mas foi a praga que o abortou. No terror que infunde é fera, no asco que excita, é verme!
(ALENCAR,2011: 42-43).

Para além da fuga de qualquer contato ou proximidade física com um lázaro, qualquer objeto que pudesse ser tocado por ele era recusado pela população. Diante deste fato, podemos afirmar que a moeda que passasse pelas mãos de um enfermo de lepra era recusada no comércio. Segundo a trama em questão, o lázaro do qual se fala, possuía uma escrava que realizava para ele as tarefas que, necessariamente, eram feitas fora de casa. Um dia, esta foi às compras e os comerciantes recusaram o dinheiro que sabiam ser proveniente do lázaro como ilustra o fragmento da página dezenove, transcrito abaixo:

Maria voltou da feira sem as compras. Do seu jeito chucro achou as palavras para me dizer: os regatões recusam receber o dinheiro que passou por minhas mãos... têm nojo do meu dinheiro! Do seu dinheiro... se o tivesse roubado, o aceitariam, mas, tocaste no dinheiro e eu também ...(ALENCAR, 2011:45-46).

Em virtude de não poder circular pela localidade durante o dia, apesar de não apresentar ainda as escrófulas nas mãos e na face - o lázaro passeava à noite protegido pelas sombras. Assim, vagava pelas praias e pelas ruas e distraía-se olhando as pessoas de longe, sem ser visto por elas. Num desses passeios chamou-lhe a atenção uma bela voz feminina que interpretava cantos de “louvor ao menino Jesus”. Aproximou-se da habitação de onde vinha a voz e como a casa possuía uma varanda, observou uma jovem que cantava recostada numa rede.

A partir daquele dia, passou a observar diariamente o sítio e sempre no mesmo horário: no momento em que a moça cantava suas orações. A moça (Úrsula) também passou a observá-lo e à medida que os dias passavam, a moça procurava aproximar-se cada vez mais do local onde o lázaro permanecia um pouco oculto pelas sombras da noite. Numa dessas ocasiões sorriu-lhe e após dias e dias nessa mútua troca de olhares e sorrisos entende-se que surge um imenso amor (embora totalmente platônico). Entre os dois.

O infeliz lázaro achava-se hediondo por “ousar erguer os olhos para a mais bela criatura de Deus” E rogava a este Deus que o “fulminasse” antes que pudesse infligir qualquer mal à sua bem-amada. Porém, negando a racionalidade que o acometia durante dia, a cada noite, aproximava-se mais de Úrsula, a ponto dela lhe ofertar uma rosa e exigir que lhe revelasse o seu nome.

Nessa noite, de tão doce enlevo no seu cotidiano de solidão, deixou-se ficar alheio na contemplação da figura da amada. Neste transe, não viu surgir o corpo alquebrado de um velho amigo da família de Úrsula. Este momento é assim narrado pelo personagem:

Eis que se rasgou a escuridão e vomita sobre mim as chamas do inferno e cinge-me uma labareda sinistra. Corro. Mas, além está o luar alvacentos. Alaga o rúbido clarão todo o arvoredo. Volvo esvairado sobre os passos e de novo na flama vermelha que me persegue como a língua do Satanás: - É o Lazaro! É o Lázaro! Brada o velho com voragem de desespero. Ainda ouvi o grito de angústia que despedaçou a alma de Úrsula... (ALENCAR, 2011:55-57).

Este se constitui no momento de clímax da novela. O instante em que Úrsula entende as razões do seu amado esconder-se e não dirigir-lhe a palavra. Seguindo o fio da narrativa o leitor imagina, inicialmente, que Úrsula assume o mesmo comportamento de todos os demais e rejeita o lázaro, haja vista que não mais aparece na varanda ou é vista. Porém, o epílogo da novela é surpreendente romântico e o fechamento da obra revela uma carga de dramaticidade que supera as expectativas do mais criativo leitor.

Nas páginas finais, ao leitor é dado a saber que, Úrsula adoecera de amor e tristeza. Fica implícito que a moça, por ser sabedora da impossibilidade de realização da sua história de amor, definha até a morte. O lázaro, retornando ao sítio onde residia sua amada percebe uma grande movimentação e intui que algo acontecera a Úrsula. Desesperado, invade a residência e percebe que o que ali ocorria era o velório da jovem. Num ato extremo, o lázaro rouba o corpo da bem-amada e o leva consigo para a cabana em que morava.

A família de Úrsula e a cidade em fúria, perseguem o lázaro pelas ruas da cidade até a sua morada. Lá chegando, decidem atear na cabana. Ainda assim, o lázaro sobrevive para escrever o diário encontrado pelo narrador e que deu origem à trama, supostamente.

Considerações Finais

Do ponto de vista da História, esse diálogo tornou-se possível graças a uma série de questionamentos que são situados genericamente em dois pólos: por um lado, entende-se que o discurso construído pelo historiador a partir de um passado real, concreto é sua recriação sob forma plausível, a partir de dados desse passado “recuperáveis” graças aos documentos que chegaram até ele - que entendemos não serem os fatos propriamente - mas uma interpretação do historiador. Neste sentido, entende-se que a crônica de Alencar propiciou um olhar acerca da gravidade da endemia leprótica nos contextos em que ela aparece. Reafirma-se então que a obra pode ser vista como resultado da própria dinâmica social.

Assim, a novela de Alencar antecipa e problematiza, talvez, o mais grave problema de saúde pública que as últimas décadas do século dezanove e as primeiras do vinte, presenciaram. As doenças contagiosas e de grande poder letal na sua forma endêmica ou epidêmica, foram percebidas historicamente, como causadoras de desordem e desorganização da vida social, sugerindo desequilíbrio entre o corpo e o

meio exterior e mais ainda, vistas como elementos desarticuladores na relação dos enfermos com o meio social.

A *lepra*, no século XII ou nos séculos XIX e XX vai desempenhar um trágico papel: aquele de causar pavor aos sãos e uma sentença de morte para os seus portadores. Não uma morte qualquer. Mas uma morte dolorosa e envolta em solidão. Assim, acredita-se que tanto a História quanto a Literatura configuram (e re-configuram) um contexto. Ao ‘criar’ e ‘datar’ uma pequena vila onde vive um leproso, Alencar projeta os dois lados da questão que a uma doença como a lepra representou: aquele do lázaro (desprezado, abandonado, portador e transmissor da morte por sua enfermidade) e o da sociedade (acuada, amedrontada, ameaçada por uma doença contagiosa e letal). Não se pode esquecer, portanto, que tanto a historiografia quanto a literatura pressupõem processos e estratégias de organização da realidade, uma procura de coerência imaginada, baseada na descoberta de laços e nexos, de relações e conexões entre os dados que manipulam (LEMAIRE, 2000: 134-139).

Se o historiador articula variados processos para criar uma análise ou interpretação que se deu fora da experiência vivida, não há como se negar a utilização de um texto literário como um importante elemento de leitura do passado. Neste sentido, faz-se necessário aceitar que “em determinados momentos do processo histórico nenhum outro texto vai iluminar tão bem a realidade como o texto literário”(SEVCENKO, 2002: 180-182). No caso de Alencar, tomo também de empréstimo as reflexões de Afonso Carlos Marques dos Santos:

Há autores que, ao penetrarem no drama da sua contemporaneidade sintetizam o tempo em que viveram e produziram. Quando isto ocorre, seus escritos passam a expressar, não apenas a criação individual, mas a própria sociedade, com suas contradições e tensões. Neste sentido, a obra surge ao historiador como testemunho da vida social e do tempo que se pretende compreender... (SANTOS, 2007:138-139).

O autor acima citado não se refere a Alencar, mas o que diz contempla o autor cearense, que foi um intelectual brasileiro preocupado com as questões do seu tempo. Ao tratar o tema da lepra quando a doença ainda não era endêmica não o faz de forma maniqueísta. Tampouco o faz em termos conservadores. Entende-se “que é a sua forma humanista de dar visibilidade aos problemas do seu tempo bem como expressar seu senso de vida e da realidade circundante (BARBOSA, 1981: 32-33).

NOTAS

1. Na produção historiográfica brasileira, ainda se afigura em pequeno número (ou são pouco conhecidos) os trabalhos que abordam a lepra como objeto de pesquisa. Dentre os mesmos pode-se citar cinco dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado além do trabalho de Ítalo Tronco *As Máscaras do Medo: lepra e AIDS*, que merece especial destaque em virtude de portar uma análise cultural do fenômeno das duas enfermidades, explorando a conexão entre literatura e doença.
2. No final do ano de 2010, concorri a um prêmio para re-edição de obras de autores cearenses em edital da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Na ocasião, havia lido *A Alma do Lázaro* de José de Alencar em um site: www.dominiopublico.com.br. Enviei a proposta, fui contemplada com o prêmio e nova publicação da obra.
3. As três primeiras edições de *A Alma do Lázaro* encontram-se esgotadas. Encontrou-se um volume na biblioteca da Academia Cearense de Letras, outro no Espaço Cultural Casa de José de Alencar e mais um na biblioteca do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. A quarta edição, resultante do prêmio, é a qual me reporto neste ensaio.

Bibliografia

ALENCAR, José de. **A Alma do Lázaro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. Sertão: lugar incomum: o sertão do Ceará na literatura do século XX. São Paulo: USP, 1998. Tese de Doutorado.

BARBOSA, Francisco de Assis. **A Vida de Lima Barreto (1881-1922)**. Brasília/MEC; Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

BERTOLLI, Claudio. Os desarrazoados do Sertão. In DE DECCA, Edgar e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. Da Unicamp, Ed. da Universidade-UFRGS, 2000.

DE DECCA, Edgar e LEMAIRE, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed/Unicamp, Ed/Universidade-UFRGS, 2000.

IANONE, Carlos Alberto (org). **Sobre as naus da iniciação: estudos de História e Literatura**. São Paulo: Edunesp, 1998.

LEMAIRE, Ria. O Mundo feito texto. In DE DECCA, Edgar e LEMAIER, Ria. **Pelas Margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed/Unicamp, Ed/Universidade-UFRGS, 2000.

LIMA, Zilda Maria Menezes. A Cidade de Fortaleza na Literatura do Século XIX in SOUZA, Simone (org.) **Coleção Fortaleza: História e Cotidiano (Comportamento)**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

_____. **Uma enfermidade à flor da pele: a lepra em Fortaleza**. Fortaleza: Secult/Museu do Ceara, 2009.

OBREGON, Diana. **Batallas contra la lepra: estado, medicina y ciência em Colômbia**. Medellín: Banco de La República/Fondo Editorial Universidad, 2002.

SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. **A Invenção do Brasil: ensaios de História e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

WHITE, Hayden. **Meta-História: imaginação histórica do século XIX**. São Paulo: Editor da USP, 2008.